IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

PLATAFORMAS DIGITAIS E A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE POLÍTICA: MULHERES DE DIFERENTES ESPECTROS POLÍTICOS E IDEOLÓGICOS NO BRASIL

Eixo Temático 17: GÊNERO, SEXUALIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS: VOZES, RESISTÊNCIA E PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

Patrícia Menezes Visentin[1]
Angelo Brandelli Costa[2]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a produção da subjetividade política feminina em rede, atravessada por novos modos de socialização e participação na internet. O espaço de investigação será composto pelo Instagram, Youtube e Tik Tok que serão explorados entre 2024 e 2027. Além disso, entrevistas semiestruturadas serão feitas com participantes ativas dessas plataformas. O referencial analítico articula três eixos: Análise do Discurso Foucaultiana, Teoria Crítica e Feminismo Interseccional. Mulheres de diferentes espectros políticos e ideológicos – progressistas e feministas, bem como conservadoras e antifeministas, ocupam as redes através de múltiplas narrativas que produzem discursos que trazem à tona representações de gênero, política e formas de reconhecimento.

Palavras-chave: Gênero; Mulheres; Plataformas Digitais; Subjetividade Política; Polarização.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da PUCRS – RS, com bolsa integral do CNPq. Email: patricia.mvisentin@gmail.com .
[2] Professor orientador: Doutor em Psicologia. Programas de Pós-Graduação em Psicologia, Medicina e Ciências da Saúde e Sociologia e Ciência Política da PUCRS – RS e Departamentos de Psicologia e Ciências Sociais da John Cabot University – Roma. Email: angelo.costa@pucrs.br.

INTRODUÇÃO

Esse texto tratará de uma pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da PUCRS, realizada no período de agosto de 2023 a agosto de 2027 – em andamento. Essa investigação tem como problemática central compreender de que maneira as interações e dinâmicas de mulheres de espectros políticos e ideológicos divergentes – mulheres que articulam práticas discursivas situadas no espectro político-ideológico progressista e\ou feminista, bem como conservador e\ou antifeminista no ambiente digital, contribuem para a produção de processos de subjetivação política e quais são as implicações na participação política e social. O espaço da investigação será as plataformas digitais Instagram, Tik Tok e Youtube, selecionadas pela relevância social na atualidade e pelo potencial de engajamento nas redes.

O objetivo geral do trabalha versa sobre a seguinte questão: investigar como as interações de mulheres de posicionamentos distintos nas mídias digitais contribuem para a produção da subjetividade política. Os objetivos específicos da pesquisa são: 1) Mapear e caracterizar perfis individuais de mulheres em diferentes plataformas digitais, considerando as particularidades de cada mídia digital, bem como, suas semelhanças e divergências. 2) Identificar quais práticas discursivas são produzidas nesses espaços e quais narrativas são fomentadas por esses espaços, por meio da análise das políticas de algoritmos. 3) Compreender como acontecem os processos de reconhecimento e do não reconhecimento. 4) Examinar se a participação nesses ambientes virtuais está associada a um maior engajamento político, incluindo a elaboração de ações e mobilizações coletivas no espaço público.

A relevância desse estudo emerge diante de um cenário político contemporâneo marcado por um contexto de crise democrática e avanço da direita e extrema-direita, pela disputa de narrativas, discursivas, políticas e ideológicas sobre concepções de democracia, direitos e justiça, é complexificado pelas dinâmicas estabelecidas por plataformas digitais e outras mídias que são coordenadas majoritariamente por Big Techs – grandes empresas de tecnologia capitalistas situadas no norte global (Faustino, Lippold, 2023; Cesarino, 2022).

Nesse contexto, as plataformas digitais – assim como, aplicativos de mensagens privada, vem se mostrando enquanto ambientes produtores de discursos que influenciam

processos de subjetivação, bem como, a construção da opinião pública que infere sentidos e significados sobre os processos democráticos. Ao mesmo tempo em que essas novas expressões das mídias digitais podem interferir – no sentido de moldar percepções, ações e afetos através das políticas de algoritmos que polarizam discursos, podem afetar diretamente o modo como as pessoas se posicionam no espaço público. Sobre a questão do ciberespaço – ambiente virtual onde se situam as plataformas digitais selecionadas para o estudo, Habermas (2023), filósofo e sociólogo alemão vinculado à Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt, traz importantes contribuições. Para o autor, o ciberespaço não deve ser compreendido como uma extensão da esfera pública e nem como um ambiente democrático, pois ele é constituído por diferentes desigualdades e níveis de hierarquização. Além disso, Habermas (2023) destaca a constituição de esferas semi-públicas e de bolhas ideológicas que são produzidas, e, ao mesmo tempo, produtoras da polarização e da radicalização.

Nesse contexto, é de fundamental importância compreender o caráter ambivalente das redes e mídias digitais. Ao mesmo tempo em que facilitam a rapidez da informação – simultaneamente com a prática antiética da desinformação no contexto atual, formação de conexões entre diferentes atores sociais e políticos oferecendo um campo para a produção de ações de resistência, potencializam a polarização e fragmentação da esfera pública (Faustino, Lippold, 2023).

Desta forma, investigar como mulheres – de múltiplas posições político-ideológicas, se inserem, agenciam e ressignificam esses espaços online, permite um avanço na tentativa de compreensão sobre os modos de produção da subjetividade política no Brasil atual, considerando tanto as dimensões do reconhecimento – utilizando a Teoria do Reconhecimento e das Lutas Sociais de Axel Honneth (2009), quanto da exclusão simbólica e material. Nesse cenário, as categorias gênero e política são essenciais para a análise, uma vez que, as mulheres são historicamente excluídas de lugares e posições de poder e tem se construído como sujeitos políticos fundamentais na disputa de narrativas. Nesse trabalho, é utilizado a noção de gênero e identidade performativa proposta por Butler (2016).

METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo e de cunho exploratório e interpretativo. Minayo (2001, p. 21 - 22) define a pesquisa qualitativa como uma maneira de investigação que trabalha com "[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis". Por conseguinte, a pesquisa exploratória tem como objetivo "proporcionar maior familiaridade com o problema" (Gil, 2002, p. 41). Já a abordagem interpretativa, beneficia o estudo por tratar-se de uma pesquisa em que a análise da produção da subjetividade política será um fio condutor do trabalho. Nesse sentido, a abordagem interpretativa se mostra adequada, pois permite compreender como os sentidos e significados atribuídos por mulheres aos discursos políticos que circulam e são compartilhados nas plataformas digitais são produzidos, compartilhados e ressignificados no contexto social. A interpretação parte da ideia de que a realidade social é produzida intersubjetivamente, sendo fundamental considerar as perspectivas trazidas pelos sujeitos da pesquisa, considerando o contexto social e histórico no qual estão inseridos (Minayo, 2001).

A pesquisa será dividida em dois momentos. A fase 1 será composta pela análise dos perfis selecionados – após levantamento realizado através do botão de buscas nas próprias plataformas digitais com o uso de descritores como: feminismo e antifeminismo. Um elemento importante, refere-se as políticas algorítmicas, que direcionam e recomendam conteúdos, sustentam a dinâmica das redes proprietárias atualmente e precisam ser objeto de estudo e ocupar agendas de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento. A respeito dos formatos de conteúdo, as três redes oferecem diferentes maneiras de expressão de seus usuários, compondo uma multiplicidade de elementos. No Instagram, os usuários podem postar fotos, vídeos e textos. Já no Tik Tok e no Youtube, a prevalência é por publicação de vídeos – Tik Tok (vídeos curtos) e Youtube (vídeos que podem ser longos), com destaque para a possibilidade de postagem de vídeos de Podcasts (arquivo de áudio ou vídeo digital) no Youtube. As dinâmicas estabelecidas nos comentários demonstram a opinião e o posicionamento dos usuários. Essas conversações em rede podem gerar uma série de tensões por conta de disputa de narrativas sobre um

determinado assunto e\ou posição contrárias, que podem favorecer processos dialéticos de inclusão\ exclusão e potencializar a progressiva cultura de cancelamento na internet. Esses elementos podem auxiliar na compreensão do impacto social desses discursos. Por esse motivo, serão feitos dois perfis individuais em cada plataforma. Uma para acompanhar os perfis de mulheres do espectro político e ideológico progressista e feminista, enquanto a outra será utilizada para monitorar – de forma sistemática, os perfis de mulheres do espectro político e ideológico conservador e antifeminista.

A fase 2 será composta por entrevistas semiestruturadas que serão realizadas com mulheres ativas nesses espaços, através de um convite realizado. De acordo com Gaskell (2014, p. 65) a entrevista semiestruturada "[...] fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos". Será elaborado um roteiro para as entrevistas com norteadores centrais que serão construídos de acordo com os objetivos do estudo. Todas as entrevistas serão transcritas para facilitar o processo de análise.

A pesquisa será submetida ao Comitê de Ética da Universidade e a Plataforma Brasil. A investigação seguirá as normas da Resolução Número 510 do Ministério da Saúde de 2016, que dispõe sobre os princípios e normas éticas para pesquisas com seres humanos nas áreas das Ciências Humanas e Ciências Sociais (Brasil, 2016). Todas as participantes das entrevistas receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de um Formulário com questões relacionadas a condição de vida, como por exemplo: idade, profissão, renda, cor de pele, nível de escolaridade, número de filhos, estado civil, local de moradia – cidade e estado, para construir um panorama sobre os perfis das participantes. Destaca-se que todos os nomes das participantes serão substituídos por nomes fictícios para proteger as identidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial análitico do trabalhado é composto por três abordagens teóricas interligadas: 1) Análise do Discurso Foucaultiana, 2) Teoria Crítica, 3) Feminismo Interseccional. A articulação entre esses três eixos visa compreender os modos de

produção da subjetividade política de mulheres de mulheres em ambientes digitais, considerando os atravessamentos de poder, discurso, política e tecnologia\plataformas digitais. A Análise do Discurso Foucaultiana fornece ferramentas conceituais para compreender como práticas discurivas produzem regimes de verdade, que influenciam nos processos de subjetivação e nas relações sociais tensionadas por práticas dialéticas de saber\ poder e dominação\assujeitamento (Foucault, 2007, 2008). A Teoria Crítica – especialmente com autores como Habermas (2023), Honneth (2009) e Fraser (2024), oferece reflexões sobre processos de reconhecimento e lutas sociais, construção de esferas semi-públicas e de bolhas ideológicas no campo da internet e das plataformas digitais – espaços marcados por desigualdades, bem como, a influência dessas dinâmicas na formação da opinião pública e na compreensão de processos democráticos na contemporaneidade. Já o Feminismo Interseccional – com autoras como Angela Davis (2016) e Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), contribui para a análise das múltiplas formas de opressão – como o patriarcado e o racismo estrututural, atravessam a experiência das mulheres e produzem efeitos sobre suas subjetividades e o estar no mundo. Compreende a importância do agrupamento de diferentes marcadores sociais, como por exemplo, raça, gênero e classe, para a análise de fenômenos sociais e subjetividades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e a discussão serão apresentados por meio de eixos analíticos – construidos a partir de notas analíticas feitas durante todo o processo de análise e coleta de dados, que representarão as práticas discursivas e os enunciados predominantes nos perfis selecionados para a análise, além das narrativas coletadas nas entrevistas semiestruturadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas ao longo desse trabalho buscam contribuir para a compreensão dos modos de produção da subjetividade política de mulheres em ambientes digitais, a partir da articulação entre práticas discursivas, dinâmicas algoritmicas e disputas políticas e ideológicas. Ao considerar a diversidade de posicionamentos

assumidos por mulheres em diferentes plataformas digitais – do progressismo feminista ao conservadorismo antifeminista, a pesquisa se propõe a investigar como esses discursos e diferentes narrativas produzem sentidos, afetos e subjetividades e formas de engajamento político no cenário brasileiro. Nesse processo, a análise das plataformas digitais é estratégica para compreender os impactos dessas dinâmicas na formação da opinião pública – com efeitos nos processos de cidadania e democracia, nos possíveis rearranjos da esfera pública e de novas formas de reconhecimento.

Por fim, a importância dessa pesquisa se estende para além do campo acadêmico, ao oferecer subsídios para a discussão crítica sobre os impactos sociais e políticos das tecnologias digitais, especialmente no que se refere a constituição da subjetividade política de mulheres de diferentes condições de vida e posicionamentos. A análise dos discursos e produtos digitais compartilhados por mulheres de diferentes espectros políticos e ideológicos pode revelar tanto estratégias de resistência e solidariedade no decurso das vidas cotidianas de mulheres, quanto formas sutis de violência simbólica, repressão e controle.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 11. ed., Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Conselho Nacional de Saúde**. Brasília, 2016. Disponível em: < http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf > Acesso: 04 abr. 2025.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso:** verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma**. Interseccionalidade.** Trad. de. SOUZA, Rane. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAVIS. Angela. **Mulheres, raça, classe.** Trad. de. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital:** por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 34. ed., Trad. de Raquel Ramalhete, Petrópolis/ RJ: Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed., Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRASER, Nancy. **Destinos do feminismo:** do capitalismo administrado pelo Estado à crise neoliberal. Trad. de FAGUNDES, Diogo. São Paulo: Boitempo, 2024.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático**.** 12 ed. Trad. de. GUARESCHI, Pedrinho A., Petrópolis/ RJ: Vozes, 2014, p. 64-89.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HABERMAS, Jürgem**. Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. Trad. de WERLE, Denílson Luís. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. de REPA, Luis. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis\RJ: Editora Vozes, 2001.